

## **Eleição e Posse no Tribunal de Justiça**

Pela Lei nº 3.754, de 14 de abril de 1960, a eleição para Presidente e Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Distrito Federal se realiza na primeira quinzena de abril de cada biênio.

Iniciou-se a 21 de abril, data da mudança da Capital da República, o exercício do primeiro biênio.

Realizou-se a última eleição, correspondente ao exercício do quarto biênio (1966-1968) no dia 14 de abril, sendo eleito para Presidente e Vice-Presidente - Corregedor, respectivamente, os Desembargadores JOAQUIM DE SOUSA NETO e DARCY RODRIGUES LOPES RIBEIRO.

Teve lugar na tarde de 21 de abril a solenidade de posse da nova administração.

Na ocasião, o Desembargador SOUSA NETO, Presidente do Tribunal, proferiu o seguinte discurso:

No dia 23 de janeiro de 1947, com láurea imerecida, ingressei na Magistratura do Distrito Federal, como Juiz Substituto, após renhido concurso de provas. Com a experiência de quatro anos de carreira, fui promovido a Juiz de Direito, por merecimento, em 1951, por ato do Presidente Eurico Gaspar Outra. Em 1960, no dia 27 de setembro, nesta deslumbrante capital, sítio de labor e esperança, fui investido no honroso cargo de Desembargador.

Êste singelo e abreviadíssimo relato não oferece a imagem inteira e plena de minha vida, desde o dia em que enverguei a imácula toga até êste significativo instante, em que experimento a alegria de sentir a irrestrita confiança dos colegas na minha investidura ele Presidente. Se a sóbria descrição destaca os júbilos culminantes, nem de leve entremostra os pesares do coração e as mágoas da alma.

Mercê de Deus, não conduzo nas costas as dores colhidas nos caminhos do compulsório viver.

Não me consolo acusando o fortuito, que nunca me surpreendeu com emboscadas e jamais me feriu com uma insídia.

Os males, na terra, vêm todos dos homens.

Meditai, um instante, em tórno da proposição, escusando-se O' discurso de fugir ao padrão antigo, modelador platônico de conceitos de justiça e de autoridade, para falar do homem, sómente dêle e de suas essências, do que êle é, do que tem e do que um dia terá,

na melhor e última expressão da justiça humana.

O coração do homem, que ama e odeia, que reza e apostrofa, que palpita e se endurece, que ambiciona dominar e servir, é naturalmente contraditório e surpreendente, capaz de conter, juntas, as delicadezas do santo e as iras do mau.

Tudo se esconde nesse pequenino ser pulsante e misterioso. superior a tudo, nosso amo, que nos aprisiona ao sentimento do bem e do mal, a um desejo de glória ou ao desprezo pela decência. Êsse metuendo serzinho é uma república imensa, dominada, em belicoso e fatal consórcio, por um santo e um déspota, autores de leis que duram instantes, revogadas pelo súbito arrependimento, ou que se eternizam no plano vitalício de uma obsedante vingança.

Nem os excelsos corações, exaltados na memória dos grandes povos, estão isentos das imperfeições, dos dilemas, das surpresas, dos escrúpulos desdoirantes, da terrível marca humana, da medonha inelutabilidade que acomete, congênitamente, o gênero humano.

Recordai comigo.

PSANITO, perdendo seu reinado no Egito, viu a filha vestida de escrava e o filho na humilhação das correntes, e não chorou. Cairam-lhe, porém, as lágrimas, abundantes, ao ver o criado pedindo esmola. Quem explica as razões de PSANITO para não chorar com o sofrimento maior dos filhos e prantear-se com a dor menor do fâmulo?

Miremos DAVID, que foi rei de Israel, sinônimo de santidade e coragem. Apesar de saber que o rei SAUL queria matá-lo, tocava harpa para livrá-lo dos demônios. Quando o gigante Goliath se colocou, durante quarenta dias, diante do exército de Israel, desafiando e humilhando seus capitães, foi DAVID, pastor ainda jovem, quem se dispôs a enfrentá-la sozinho, armado de uma funda e cinco seixos.

Generoso e intrépido, êsse santo que perdoava SAUL e êsse herói que venceu o gigante, guardava, contudo, impureza no coração. No testamento que deixou a cargo do filho SALOMÃO, inscreveu o desejo de que mandasse matar JOAB e SEMEY, por ofensas que lhe tinham causado.

Certamente conheceis corações que fremem e se exaltam com a desgraça como se voassem para a expansão, para a liberdade, para a glória. O infortúnio é a sua plenitude, seu verdadeiro pulsar, seu sonho de felicidade, a embriaguez de sua vida.

Não ouvis, por acaso, o pranto de HERÁCLITO e o riso de DEMÉTRIO, diante do mundo?

Por que é que os séculos não abafam essas vozes da tristeza consumidora e da dúvida desesperante? Porque elas estão em nós, renascidas, ressoantes, incoercíveis, imperantes como as leis do gosto e da necessidade.

Por que é que aquele choro e aquele riso estilo em todos os lugares, em todos os tempos? Porque eles representam os preceitos do coração, o estribilho inexorável da vida, a canção diuturna do homem, da mulher e da criança. Porque significam o que somos e o que talvez não possamos deixar de ser.

Foi seguramente essa irresistível condição humana levada ao extremo que fez AUGUSTO DOS ANJOS, com as células vencidas pela «semente elementaríssima» da dor, bradar em tom universal:

«Reúnam-se em rebelião ardente e acesa Tôdas as minhas  
fôrças emotivas  
E armem ciladas como cobras vivas  
Para despedaçar minha tristeza!»

o mesmíssimo elemento da existência humana, nativo de tôdas as terras e de todos os lares, dessorando as alegrias íntimas de ALFRED DE MUSSET, abismou-o em amaríssima descrença:

«Eu perdi minha vida, e o alento E os amigos, e a  
intrepidez  
E até mesmo aquela altivez  
Que me fez crer no meu talento.»

Reconhecendo a inevitabilidade e a continuidade invencível dos venenos de que somos feitos, na tessitura de um tempo uno e de formas humanas imodificáveis, em que o passado entra como presente em nosso caminhar ao longo da História, vibrando no silêncio, insinuando-se no sonho, excitando as ambições, rumorejando no sofrimento, animando as idéias e rugindo na vingança, HENRY BATAILLE criou ciência e poesia ao dizer que o passado

« ... é um segundo coração que bate em nós. Surda mente, na carne,  
ouve-se a sua voz  
Num ritmo igual ao do primeiro coração.  
A gente ignora onde êle esteja: ouve-o bater E vir, num eco imenso,  
numa ondulação, Alimentar o fundo e o nível do seu ser».

Â semelhança da Natureza, tôda feita de antíteses - de montanhas e vales, de frio e calor, de rugido e silêncio, de correção e deformidade, de minúcias e imensidões - o minúsculo tirano de nossas volições também é tecido de antinomias, de anverso e reverso, de sim e não, das mais flagrantes contradições, das mais irreduzíveis oposições. De suas vertentes saem os horrores que enchem a história e em suas anticlinais vibram os mais suaves cantos da terra.

O monarca do nosso íntimo, oscilando entre os caprichos do acaso e da lei, do sábio e do bruto, da fôrça e da consciência o que lhe dá categoria científica de lógico paradoxo, de êrro certo, de pecado virtuoso, de absurdo verdadeiro - ora se inclina às lágrimas, ora se põe inaccessível à piedade. Por vêzes, acima de tôdas as soberanias e sobranceiro a todos os perigos, êle propõe a eternidade de bens como a igualdade, a inspiração, a honra, o pensamento e a liberdade. A seguir, porém, com o ódio do déspota ou os ademanes do lacaio, se desvincula dos solenes compromissos, e duro de maldade ou movendo-se como réptil, atraiçoa com todos os opróbrios, fere com tôdas as baixias, nega-se com tôdas as ignomínias. Compactado com porções divinas e parcelas do demônio, assombra e comove, por instantes, com a silenciosa bravura do mártir e com a altissonante coragem do herói, para cair, sem demora, com extrema naturalidade, fiel às suas leis inflexíveis, na vala por onde recuam os que temem a própria voz e correm da própria sombra.

Ê assim, ridículo e imenso, miúdo e grandioso, sóbrio e magnífico, capaz de trair e de reproduzir a criação, o ser que domina a terra e que lentamente investe contra os mistérios do infinito.

Eterno bifronte, arbitrário e judicioso, arrogante e humilde, asceta e blasfemo, lembra o dúplice e estranho mar do genial VICENTE DE CARVALHO, o qual com alma raivosa e libertina,

« ... brutal e impuro,

Branco de espuma, ébrio de amor, Tenta despir o seio

duro

E virginal da terra em flor»;

e com arremêso de heresiarca, impando de ousadia, pragueja, insulta E: desafia o céu, cuspendo-lhe a salsugem, para surgir, depois, na mesma praia pagã, em clamor esmorecido, indistinto, espiritual, quase gemido de órgão de catedral, vertendo, ao entardecer, na meia luz crepuscular, ante os ermos espantados, longas confidências de

pecados, numa voz trêmula, tristíssima, semelhante à toada de uma prece.

Meditai, agora, no que há de terrível, e ao mesmo tempo sublime, na intimidade do mar e do homem - do mar, na dramática imagem do poeta, que sabe tudo pela intuição e diz tudo pela imaginação; e do homem, na medonha e incomparável autenticidade de sua ida.

Não sendo morto para o desejo de ar e espaço, o poeta ouve o mar revoltado e brusco, escondido, fantástico, atirando, pela sombra das noites sem estrelas, a blasfêmia colérica das ondas. O céu, longínquo e indiferente, acima de sua solidão e de seus clamores. aprisiona o gigante insubmisso ao cárcere das rochas e das praias que o cingem, angustiando-o ante o universo deslumbrante, aberto de lado a lado, perto do desejo c além de seu alcance. Com todo o infinito em cima de seu túmulo, excitado pela ventura que arfa em roda, o belo mar selvagem, pagão criado às sôltas, ao ver-se contido, coibido, recluso, corre, breme, agride em turbilhões de ondas revôltas e bravias, porfiando pela liberdade, querendo ser maior do que a prisão, maior do que o desejo, maior do que o destino.

E o homem, o homem que doma o oceano? Quem lhe pode conter a alma vária e soberba?

Quem pode aprisionar o ser que faz religiões, que derriba tronos, que expande a ciência, que pensa e repensa o próprio pensamento?

Pode alguém limitá-lo?

Quem pode reduzi-lo a proporções concebidas pelo arbítrio, se êle é o mesmo arbítrio nas invenções e nas concepções?

Quem é capaz de impor modelos ao ente que delinea universos e recria a primeira criação?

Quem é superior à soberania do coração e das idéias?

Quem das entranhas lhe arranca o amôr, a saudade e o carinho? Quem lhe arrebatada do espírito a sêde de verdade e do desconhecido?

Quem lhe tira a lógica da razão?

Quem é que ergue fronteira aos seus sentimentos e à sua inspiração?

Quem lhe recusa o belo, e o justo, e o equilíbrio? Quem inventa a glória e o opróbrio?

Quem lhe põe no imo as ânsias do poder?

Quem lhe dá as súplicas da justiça, os argumentos do forte e a paixão pelo fraco?

Quem faz a dúvida e as canções, o nada e o infinito?

Quem lhe derrama no ânimo e nas energias a força para suportar o negro infortúnio e para enfrentar a morte inexorável?

Quem lhe enche o interior com essa luz imensa e miraculosa, doce e perenal como as fontes da própria vida, que se chama esperança?

O mar, encerrado em fundo cárcere, pode, em vão, bramir nos penhascos ou abatear-se nas praias, mas o homem - embora causando o mal da terra - detentor das eloqüências do coração e dos prodígios da inteligência, nascido para o sonho, nascido para o triunfo, nascido para racionalizar o universo, nascido para espiritualizar as relações de convivência, nascido como medida da justiça, das leis e dos governos, em vez dos encerros da subjugação e do controle, faz jus às amorosas isenções concedidas aos gênios tutelares.

Apesar de ser sua existência um instante, uma brevidade, um vôo que apenas começa, porta-se como se pudesse revogar o preceito do perecimento para viver até à saciedade, até ao pleno fastio dos desejos cansados e dos instintos saturados. Surgindo quase no limiar da volta, no pórtico do fim, quase se encontrando o primeiro vagido com o último suspiro, cômico de que não obtém dilação no fatal retorno e de que deixará tudo, na terra, para fruição de terceiros, não se detém, contudo, no ímpeto criador, agindo como um deus bondoso e idealista, que se extingue transmitindo aos outros o ouro de sua vida. Não se perturba, sequer, com a dura ingratidão, que retribui com motejo e impostura o bem que recebe em arte, em cultura, em riqueza, em consolo, em beleza, em justiça, em verdade.

É assim que gosto de vê-la na história, escalando as impérvias barreiras do futuro, tocado de verdadeira força talismânica, sereno como a justiça, invencível como a razão, invulnerável como o amor, arrojado como a honra, sonhador como um nume reformista.

Seu estímulo principal e inextinguível - a esperança - é o assombro dos deuses. «Ce qui m'étonne, dit Dieu, c'est l'espérance» é o que se lê na poesia lúcida de CHARLES PÉGUY.

«O que me espanta, diz Deus, é a esperança».

Essa pequena centelha, que parece uma causa de nada, que é uma meninazinha de nada, na linguagem do poeta, é uma chama tiritante que atravessa a espessura dos mundos. é uma chama vacilante que atravessa a espessura dos tempos, é uma chama ansiosa que atravessa a espessura das noites.

Sòzinha, incorpórea, invisível, ela conduz o homem na densidão dos séculos, animando-o diante da fome, erguendo-o diante do terror, consolando-o diante do desespero. Modesta, tremulazinha, às vezes nervosa, às vezes quêda. - mas assombrando a Providência - graça e fôrça do homem, ela sustenta e une os mundos, volvidos e pósteros. Sob a forma de ilusão - a grande alimentadora, a piedosa, a excelsa e dulcíssima enganadora da humanidade - a esperança, o mais doce amor do sofredor e do venturoso, desde que na terra surgiu o primeiro desejo e a primeira agonia. ela só. a mais santa mãe, a espôsa mais fiel, a mais ardente irmã. é o sonho mais entranhado e mais cálido do homem arruinado. da família abalada. da Nação desarvorada.

É incendiado dêsse nadinha portentoso, dessa chamazinha que atravessa a espessura dos mundos, dos tempos e das noites. e que nenhuma violência e nenhuma traição consegue apagar. que me apraz contemplar o impávido ser humano, sorvendo a luz das químeras intocáveis no cálice da amarga e compulsória existência.

Agrada-me vê-la porfiando irresistivelmente. guiado por uma luzinha teimosa e sôbre-humana. em busca das últimas perspectivas, das auroras da imaginação, com a sêde infinita de horizontes disputando com os sonhos a primazia nos secretos caminhos do ideal: lutando com as divindades pelo poder de refazer-se acima da primeira criação, segundo os modelos da fantasia e da perfeição.

Emociona-me concebê-lo. por sôbre as misérias da vida correm e, fitando a derradeira manhã, a límpida manhã. que virá depois de tudo. depois da última noite. depois da última dúvida, depois da última dor. depois da última convulsão, como fecho tranqüilo da História, onde o sonho se encontra com a vida, onde a ciência se rende à equidade, onde a fôrça se dissolve na igualdade, onde o homem ingressa na humanidade, onde a noção do bem e do mal encerra sua marcha, sua curva, seu drama, e transforma-se em consciência pura. isenta de pavores e macerações, livre do homem de hoje e de suas censuras, de sua hipocrisia e de sua prepotência, de seu egoísmo e de suas sobras de justiça.

Consola-me divisá-la nesta solenidade judiciária, que transcende a rotina regimental. para simbolizar o desejo de escapar do eterno e torturante modo de ser sem ser e de viver sem viver, com a plena integração de tôda a humanidade num único ideal de justiça, de lei e de Govêrno, em que a esperança deixe de ser um viático secreto. muitas vezes escondido nos recessos do coração, excluído da igualdade pela intolerância dos tempos, para se constituir numa fôrça comum. legítima no

rico e no pobre, e num direito igual. o direito mínimo de preferir e de sonhar.

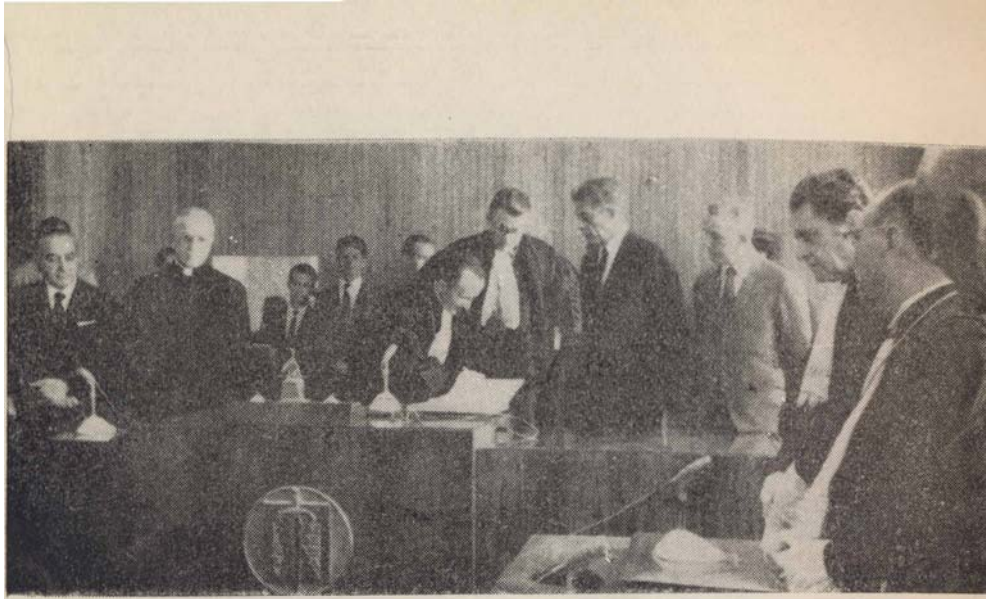
É confortante, para quem olha Brasília sem inveja e sem ódio político, e sim com as alegrias do patriotismo e os acenos de um futuro radioso. sentir nestas claras e vastas amplidões. antes doadas ao silêncio do atraso e a homens impróvidos. sequiosos do prazer e do mando inútil, que o que veio de longe com a mudança da capital, impregnado de passado e ingenuidade. começa a tomar ,consciência de Pátria.

Brasília. que recebe a festa deste Tribunal como júbilo de seu aniversário, iniciou as verdadeiras discussões do Brasil, pondo, no lugar do descuido e do alheamento. os alertas dos Podêres da República e do Povo que faz a República e os seus Podêres. Brasília, mais do que aspiração antiga, é uma vibração nova. um instrumento novo, uma arma nova, uma vocação nova da nacionalidade. para sentir, pensar e agir em termos de País e de universalidade. É uma concepção formosa e audaz. que sai quente e imperiosa de um .acúmulo de erros como a saudade emana de uma ausência e o carinho brota do amor.

Senhoras e Senhores:

Meus gentis colegas. por ato de confiança. aumentaram minha autoridade com os insignes acréscimos da Presidência. Hoje, no sexto ano de desafio e afirmação de Brasília, festejam o tocante gesto de bondade. Amigos da Procuradoria, da Primeira Instância e da Ordem dos Advogados autenticam a honrosa graduação com o comovente sêlo da solidariedade.

Muito obrigado a todos.



Logo após sua investi dura na Presidência do Tribunal de Justiça, o Desembargador SOUSA NETO assina seu primeiro ato: t ermo de posse do Desembargador DARCY RIBEIRO, Vice-Presidente e Corregedor

Instante da solenidade em que o Desembargador SOUSA NETO, ao término do seu discurso de posse, recebia os cumprimentos

